



Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Centro de Artes, Humanidades e Letras
Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública

EDSON DA SILVA SOARES

**O REGGAE EM CACHOEIRA-BA: POTENCIAL TURÍSTICO,
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E INCLUSÃO SOCIAL
POR MEIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS**

Cachoeira – BA
2025

EDSON DA SILVA SOARES

**O REGGAE EM CACHOEIRA-BA: POTENCIAL TURÍSTICO,
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E INCLUSÃO SOCIAL
POR MEIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Tecnólogo em Gestão Pública.

Orientador: Prof. Dr. Silvio César Oliveira Benevides

Cachoeira – BA
2025

SUMÁRIO

RESUMO.....	4
RESUMEN	4
1. INTRODUÇÃO	5
2. REVISÃO DA LITERATURA	8
2.1. O Reggae de Cachoeira: Produção Musical e Relevância Cultural, Social e Econômica	11
2.2. Impacto Econômico e Social do Reggae	12
2.3. Reggae, Identidade Cultural e Atratividade Turística em São Luís do Maranhão.....	13
2.4. Cultura e Cidadania: A Gestão Cultural como Estratégia de Inclusão e Transformação Social	15
2.5. Cultura, Cidadania e o Reggae em Cachoeira-BA: Políticas Públicas para Inclusão e Desenvolvimento Territorial.....	17
3. METODOLOGIA.....	19
4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	20
5. CONCLUSÃO	24
REFERÊNCIAS.....	28

O REGGAE EM CACHOEIRA-BA: POTENCIAL TURÍSTICO, DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E INCLUSÃO SOCIAL POR MEIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS¹.

RESUMO

Este artigo analisa o reggae em Cachoeira-BA como fenômeno cultural, turístico e político, destacando seu papel na construção identitária, no desenvolvimento socioeconômico local. A pesquisa, de natureza qualitativa, combinou revisão bibliográfica, entrevistas com agentes culturais e análise documental, revelando que o reggae cachoeirano constitui uma expressão singular, ressignificada a partir de tradições locais como o samba de roda e os terreiros de candomblé. Os resultados demonstram seu potencial como vetor de turismo cultural e economia criativa, embora ainda subexplorado, devido à falta de infraestrutura e políticas públicas efetivas. Identificou-se que o reggae em Cachoeira funciona como importante mecanismo de resistência cultural e empoderamento da população negra, com letras que abordam questões raciais e sociais. Contudo, persistem desafios como a precarização dos artistas, a fragilidade institucional e desigualdades de gênero no cenário musical. O estudo conclui pela necessidade de um modelo integrado de gestão cultural que combine preservação patrimonial, geração de renda e participação comunitária, propondo a criação de mecanismos sustentáveis de financiamento, formação técnica e instâncias permanentes de diálogo entre poder público e comunidades locais. A pesquisa contribui tanto para os estudos sobre culturas urbanas afrodiáspóricas quanto para o debate sobre políticas culturais inclusivas em contextos periféricos.

PALAVRAS-CHAVE: Reggae, Políticas Públicas, Turismo, Desarrollo Económico.

RESUMEN

Este artículo analiza el reggae en Cachoeira-BA como fenómeno cultural, turístico y político, destacando su papel en la construcción identitaria y en el desarrollo socioeconómico local. La investigación, de carácter cualitativo, combinó revisión bibliográfica, entrevistas con agentes culturales y análisis documental, revelando que el reggae cachoeirano constituye una expresión singular, resignificada a partir de tradiciones locales como la samba de roda y los terreiros de candomblé. Los resultados demuestran su potencial como vector de turismo cultural y economía creativa, aunque aún subexplorado debido a la falta de infraestructura y de políticas públicas efectivas. Se identificó que el reggae en Cachoeira funciona como un importante mecanismo de resistencia cultural y empoderamiento de la población negra, con letras que abordan cuestiones raciales y sociales. No obstante, persisten desafíos como la precarización de los artistas, la fragilidad institucional y las desigualdades de género en el escenario musical. El estudio concluye con la necesidad de un modelo integrado de gestión cultural que combine preservación

1 – O presente artigo (Produto Tecnológico) está vinculado ao eixo de Pesquisa em Gestão Pública, Gestão Social e Desenvolvimento Local, do curso superior de Tecnologia em Gestão Pública da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e atende aos requisitos exigidos por seu regulamento de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Resolução N° 018/2017.

patrimonial, generación de ingresos y participación comunitaria, proponiendo la creación de mecanismos sostenibles de financiamiento, formación técnica y la implementación de instancias permanentes de diálogo entre el poder público y las comunidades locales. La investigación contribuye tanto a los estudios sobre culturas urbanas afrodiaspóricas como al debate sobre políticas culturales inclusivas en contextos periféricos.

PALABRAS CLAVE: Reggae, Políticas Públicas, Turismo, Desarrollo Económico.

1. INTRODUÇÃO

O reggae em Cachoeira-BA emerge como um fenômeno cultural de múltiplas dimensões, configurando-se simultaneamente como expressão artística, marco identitário e instrumento de transformação social. Nascido na Jamaica como voz de resistência das comunidades negras, o gênero musical encontrou em Cachoeira, cidade histórica do Recôncavo Baiano marcada pela forte presença afrodescendente, um terreno fértil para ressignificações locais, adquirindo características singulares que o distinguem tanto de sua matriz caribenha quanto de outras experiências brasileiras.

Esta manifestação cultural transcende amplamente o âmbito musical, constituindo-se em um complexo sistema simbólico que dialoga com a ancestralidade negra, as lutas antirracistas e as dinâmicas territoriais do Recôncavo. Artistas como Edson Gomes, Sine Calmon e Nengo Vieira, oriundos de Cachoeira, desenvolveram uma estética própria que mistura a cadência jamaicana com elementos do samba de roda, dos terreiros de candomblé e das tradições culturais locais, criando o que estudiosos denominam "reggae do Recôncavo".

O tema ganha especial relevância ao considerar o potencial do reggae como vetor de desenvolvimento integral, articulando a dimensão cultural enquanto expressão da diáspora africana e mecanismo de preservação da memória negra; a dimensão econômica como atrativo turístico e gerador de renda para artistas e comunidades locais e a dimensão política, pois o reggae é também instrumento de conscientização e mobilização social.

No âmbito econômico, justifica-se pela necessidade de se investigar modelos sustentáveis de desenvolvimento cultural que superem a dicotomia entre preservação patrimonial e exploração comercial. O caso do reggae em Cachoeira oferece um laboratório privilegiado para essa reflexão, pois revela potencial turístico ainda

subexplorado, apresenta desafios típicos da economia criativa periférica e demonstra a capacidade de geração de renda a partir de bens culturais.

Do ponto de vista social, a escolha do tema fundamenta-se no papel central que o reggae desempenha na construção identitária da população negra do Recôncavo Baiano. Como expressão cultural que emerge em um território marcado pela resistência afrodescendente, Cachoeira foi importante quilombo e centro abolicionista, o reggae local constitui-se em ferramenta contemporânea de afirmação étnica e combate ao racismo estrutural. Nesse sentido, compreender suas dinâmicas significa também mapear estratégias de resistência cultural desenvolvidas por comunidades periféricas.

E no que diz respeito a luta pela causa negra, sou militante, comprometido com a luta pela igualdade e justiça para a população negra do Brasil. Minha jornada começou nos anos 90, quando me envolvi com a Pastoral Afro, uma organização católica, que trabalha para promover a conscientização e a mobilização em torno das questões que afetam a comunidade negra. Como militante, me dedico a promover a conscientização sobre as desigualdades raciais e a lutar por políticas públicas que beneficiem a população negra. Minha atuação é guiada pelo princípio de que as questões que afetam a comunidade negra são questões que afetam a todos, e que a luta pela igualdade e justiça é uma responsabilidade compartilhada.

Uma das minhas principais bandeiras é a luta por ações afirmativas que visam promover a inclusão e a igualdade de oportunidades para a população negra. Acredito que as ações, como as políticas de cotas, são fundamentais para corrigir as desigualdades históricas e promover a inclusão social e econômica dessa população. Nesse sentido, acredito que as cotas são uma ferramenta importante para promover a inclusão e a diversidade nas instituições de ensino e no mercado de trabalho. Defendo que as cotas devem ser implementadas de forma ampla e abrangente, para garantir que a população negra tenha acesso a oportunidades iguais.

Neste momento, se torna importante destacar que a Mistanasia, ou a morte prematura e evitável de pessoas negras, é uma realidade cruel e persistente no Brasil. O Estado, muitas vezes, é conivente com essa prática, seja por omissão ou por ação direta, perpetuando a violência e a desigualdade que afetam a população negra. É fundamental que lutemos contra essa forma de violência e exijamos que o Estado garanta o direito à vida e à dignidade para todos, independentemente da cor da pele ou da origem.

Além disso, também me dedico a promover a autoestima e a valorização da cultura e beleza negra. Desmistificar os estigmas, preconceitos e visões deturpadas construídas historicamente sobre a cultura e sobre os padrões de beleza eurocêntricos que marginalizaram a beleza negra, é um objetivo central dessa luta. Acredito que essa valorização é fundamental para a construção da identidade e da autoestima da população negra. Minha experiência e conhecimento sobre as questões negras são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Sou um defensor dos direitos humanos e da cidadania, e minha luta é inspirada nos valores da justiça, igualdade e solidariedade.

E, como eu mesmo falo, inspirado na escritora e ativista brasileira Djamila Ribeiro, "o que diz respeito às questões negras diz respeito a mim". Essa frase resume bem minha postura e compromisso com a causa negra. Sou um aliado importante na luta pela igualdade e justiça, e minha contribuição é valiosa para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Meu objetivo é contribuir para que o homem negro e a mulher negra se orgulhem do que são, do que têm, do que sabem e do que podem, resistindo e superando toda forma de racismo e preconceito, promovendo a igualdade, a justiça e a inclusão social para todos.

Diante do exposto, este estudo tem como objetivo central analisar o reggae em Cachoeira-BA como fenômeno cultural, turístico e político, investigando seu potencial para promover desenvolvimento econômico, inclusão social e afirmação identitária no Recôncavo Baiano. Busca-se compreender como essa manifestação artística, enraizada na cultura negra local, pode ser fortalecida por meio de políticas públicas que articulem preservação cultural, valorização simbólica e sustentabilidade econômica.

De forma específica, o estudo pretende-se, também, mapear as características identitárias do reggae em Cachoeira, destacando sua relação com a ancestralidade africana, as tradições locais (como o samba de roda e os terreiros de candomblé) e sua ressignificação como instrumento de resistência política e cultural; avaliar o caráter socioeconômico do reggae na cidade, analisando seu potencial turístico, sua contribuição para a geração de renda e os desafios enfrentados por artistas e produtores culturais locais, como a falta de apoio institucional e a precarização do trabalho artístico. Propõe-se, também, indicação de diretrizes para políticas culturais mais efetivas, baseadas em modelos participativos que envolvam artistas, gestores

públicos e comunidades locais, garantindo que o desenvolvimento do turismo e da economia criativa não descaracterize o reggae como expressão de resistência negra.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Por meio da musicalidade, segundo aponta Falcon (2009), as identidades são exploradas de maneiras variadas, refletindo-se em gestos, expressões corporais, vestuário e linguagem. Segundo a autora, as tradições musicais, cultura e comportamentos relacionados à música são flexíveis, acolhendo influências sonoras, estilos e letras de diferentes origens, ao mesmo tempo em que mantêm características distintamente locais. Na Bahia, no final dos anos 70, o ritmo jamaicano começou a circular na, e ao final da década, os primeiros trabalhos que adotavam o Reggae como influência surgiram, com trabalhos de músicos como Edson Gomes, Tintim Gomes e Geraldo Cristal, por exemplo, começando a incorporar o Reggae e a filosofia Rasta em sua música (FALCON, 2009).

As composições introduziram uma novidade na cena musical da Bahia ao incluir um discurso político e social em suas letras. Esse estilo musical, com sua mensagem político-existencial centrada na experiência negra, encontrou terreno fértil no Brasil, inserindo de forma perspicaz um discurso ético e filosófico de resistência ao status quo na própria melodia da música (MATOS, 2021). O movimento Rasta, por exemplo, e a revolução musical do Reggae representam um desenvolvimento contemporâneo da longa batalha por autodeterminação e liberdade dos negros jamaicanos, destacando como a música se torna um meio simbólico de libertação e reconstrução de identidades, como aponta Penha (2003).

Edson Gomes se tornou o principal representante do Reggae no Brasil, realizando shows em todo o país, lançando, em 1988, o álbum “Reggae Resistência”:

O álbum “Reggae Resistência” pode ser considerado o primeiro do gênero no Brasil, pois antes do seu lançamento nenhum outro artista ou grupo conseguiu gravar um disco exclusivamente de Reggae no país. Esse trabalho de Edson Gomes chama atenção pela unidade alcançada, tanto no padrão rítmico quanto pela temática tratada, voltada, sobretudo, para o discurso étnico-identitário (FALCÓN, 2009, p. 101)

Por volta dos anos 90, surgiram numerosos grupos de Reggae em todo o território nacional, emergindo como um veículo para disseminar a voz do negro oprimido, que passou a expressar sua realidade por meio de letras de protesto e

lamento, como em “Cão de raça” e “Camelô”, ambas Edson Gomes, onde a experiência conflituosa do povo negro com a polícia são retratadas em tom de denúncia ao descrever contextos da vivência da negritude na Bahia.

Dessa forma, percebe-se que o reggae aparece no recôncavo vinculado a um discurso político e identitário, que serviu de meio para disseminar as bases para resistência do povo negro, mostrando que o reggae é uma expressão cultural profundamente enraizada nessas comunidades, refletindo as realidades sociais, políticas e econômicas locais. Compreender sua influência é essencial para entender a dinâmica social e cultural da região, e, investigar como essa forma de expressão artística contribui para essas questões é fundamental para informar políticas públicas e iniciativas de desenvolvimento comunitário, por exemplo.

As manifestações culturais locais no reggae de Cachoeira incluem a incorporação de ritmos e instrumentos tradicionais afro-brasileiros, a valorização de temas e histórias locais nas letras das músicas, e a celebração de festividades e rituais culturais da região (FALCÓN, 2009). Essas influências locais enriquecem o reggae, tornando-o uma expressão autêntica da identidade e da herança cultural de Cachoeira.

O reggae é, assim, de extrema importância para Cachoeira, pois atua como um meio de resistência cultural e social, refletindo e amplificando as lutas da comunidade afro-brasileira, fortalecendo a identidade cultural local, oferece um veículo para a conscientização política e social, e promove a unidade entre os habitantes (FALCON, 2009). Para Falcon (2009), o reggae se entrelaça com as identidades culturais de Cachoeira ao refletir a herança afro-brasileira e as lutas sociais da região. Ele serve como uma plataforma para a expressão de histórias, valores e tradições da comunidade, fortalecendo o senso de identidade e pertencimento.

O reggae é inerente às lutas antirracistas (LUCHESE, 2015), pois suas letras frequentemente abordam questões de desigualdade racial, opressão e injustiça. Ele oferece uma plataforma para a conscientização e a mobilização em torno dessas questões, além de promover a unidade e a resistência entre as comunidades afetadas pelo racismo, celebrando a resistência e a resiliência das comunidades negras, elementos essenciais da identidade cultural de Cachoeira. Além disso, as mensagens de paz, igualdade e justiça nas letras das músicas ressoam profundamente em uma sociedade marcada por um legado de opressão e desigualdade raciais.

O reggae tem um grande potencial para promover o turismo ao atrair visitantes interessados na rica herança cultural da cidade, como aponta Penha (2003), visto que festivais de reggae, tours musicais e eventos culturais podem ser desenvolvidos para destacar a história e a influência do reggae em uma região, como em São Luís, Maranhão. Dessa forma, criar festivais e eventos culturais dedicados ao reggae, promover oficinas e programas educacionais sobre a história do reggae e seu impacto social, apoiar artistas locais com financiamento e espaços para performance, e criar espaços de preservação e acesso à memória do movimento na cidade podem ajudar a posicionar Cachoeira como um destino turístico culturalmente significativo.

Segundo Rodrigues:

Precisamos entender a cultura dentro do horizonte da cidadania. Quando atuamos como produtores e agentes culturais, somos também formadores culturais pelos valores e ideias que passamos com nossos projetos e pela imensa carência cultural da nossa sociedade. Nossa expectativa é de que o gestor cultural deve contribuir para um fortalecimento da cultura como bem comum da sociedade e como expressão de um lugar, do próprio município. Que a ação cultural possa ajudar no trabalho do entendimento da cultura não como luxo, mas como dimensão da sociabilidade. Neste sentido, busca-se fortalecer uma visão política com base na concepção de que a cultura pode adquirir centralidade. Este é, justamente, o grande potencial da cultura: o de mobilizar, de congregar, de unir as pessoas, de produzir coesão, de promover o encontro. Sob esta lógica, as ações em cultura são efetivas ações mobilizadoras. São iniciativas que congregam públicos e fortalecem a noção de cultura como rede de relações, de cultura como cidadania. (RODRIGUES, 2013. p. 21).

Dessa forma, é importante entender a cultura como parte essencial da cidadania e como um bem comum que contribui para a coesão social e o fortalecimento de valores comunitários. No contexto de Cachoeira, o reggae tem exatamente esse potencial mobilizador ao implementar políticas públicas que incentivem a promoção do reggae. Os gestores culturais têm, assim, a oportunidade de contribuir para o fortalecimento da cultura local como um bem comum, ajudando, a transformar a percepção da cultura de um luxo para uma necessidade fundamental para a sociabilidade e a cidadania e para a promoção do crescimento econômico da cidade e dos agentes culturais do movimento.

2.1. O Reggae de Cachoeira: Produção Musical e Relevância Cultural, Social e Econômica

A cidade de Cachoeira, localizada no Recôncavo Baiano, é um importante centro cultural marcado pela herança africana e pela forte presença do reggae como expressão musical e identitária. A dissertação de Falcón (2009), intitulada *O Reggae de Cachoeira: Produção Musical em um Porto Atlântico*, analisa como esse gênero musical, originário da Jamaica, se estabeleceu na região, tornando-se um meio de resistência cultural e um instrumento de afirmação da identidade negra.

A produção musical dos regueiros de Cachoeira reflete os processos de formação identitária na diáspora africana, evidenciando como as identidades culturais são construções históricas e discursivas em constante transformação (HALL, 2006). O reggae, enquanto gênero transnacional, fortalece os laços de pertencimento e reforça a identidade negra, funcionando como um elo entre a ancestralidade africana e as vivências contemporâneas. Em Cachoeira, essa relação se manifesta na maneira como os artistas locais ressignificam elementos da cultura jamaicana, adaptando-os ao contexto sociopolítico da região. A música, portanto, entretém, educa e mobiliza, reforçando a consciência histórica da população negra.

O reggae em Cachoeira exemplifica o conceito de hibridização cultural discutido por Hall (2003) e Gilroy (2001), ao combinar influências jamaicanas com tradições locais, como o samba de roda e os ritmos afro-baianos. Essa mistura não resulta em uma simples reprodução do reggae original, mas em uma releitura singular, marcada pelas experiências sociais e históricas da cidade. A musicalidade, nesse sentido, torna-se uma prática social que ressignifica a diáspora africana, permitindo que os artistas expressem suas lutas e aspirações. A análise de Falcón (2009) demonstra que o reggae cachoeirano não é um produto cultural estático, mas um fenômeno dinâmico que se reinventa constantemente:

Assim, a identidade político-existencial com a mensagem rasta aproximou jovens cachoeiranos do ritmo jamaicano, recriado entre os regueiros locais; numa cultura onde a música está presente na religião, sendo importante nas procissões e ritos de transe do Candomblé, viva nos folguedos e mais, ali, principalmente para a juventude falar de seus problemas e buscar ascensão no quadro de uma economia estagnada. Em Cachoeira o discurso ético e filosófico contra o establishment foi embutido de forma singular na melodia do Reggae. Assim, a libertação simbólica veio através da música. (FALCÓN, 2009, p. 16).

As letras do reggae produzido em Cachoeira possuem um forte conteúdo político e poético, a exemplo de “camelô” de Edson Gomes, que denuncia a violência policial em trabalhadores informais e ambulantes, funcionando como um meio de intermediação das relações étnico-raciais e como catalisador de resistência. Hall (2003) argumenta que a cultura popular envolve um processo dialético entre dominação e contestação, e o reggae cachoeirano exemplifica essa dinâmica. Ao abordar temas como desigualdade social, racismo e ancestralidade, os músicos locais desafiam estruturas de poder e promovem uma consciência coletiva. Além disso, a música atua como um espaço de solidariedade, reunindo comunidades marginalizadas em torno de uma identidade compartilhada.

Com uma população majoritariamente negra, Cachoeira apresenta um ambiente propício para a reinvenção cultural e a resistência às estruturas hegemônicas. Historicamente, a cultura negra na cidade tem resistido ao domínio das elites, seja por meio das irmandades religiosas, do samba ou do reggae. A consolidação de Cachoeira como um polo do reggae não ocorreu por acaso, mas como resultado de um processo contínuo de luta e afirmação. Como aponta Gilroy (2001), as práticas musicais da diáspora africana carregam em si a perspectiva de um mundo mais justo, e o reggae cachoeirano materializa essa visão, tornando-se um símbolo de resistência e empoderamento.

2.2. Impacto Econômico e Social do Reggae

Além de seu valor cultural, o reggae em Cachoeira desempenha um papel econômico significativo, contribuindo para a geração de renda de artistas, produtores e comerciantes locais. Festivais e eventos musicais atraem turistas, movimentando setores como hospedagem, gastronomia e artesanato. No entanto, como observa Falcón (2009), os regueiros muitas vezes enfrentam mercados culturais excludentes, sendo necessário o fortalecimento de políticas públicas que apoiem a produção artística local. Quando integrado a estratégias de desenvolvimento sustentável, o reggae pode se tornar uma ferramenta ainda mais potente de inclusão social e crescimento econômico.

Dessa forma, o reggae em Cachoeira evidencia a complexidade das interações culturais na diáspora africana, demonstrando como a música atua como um veículo de transformação social. Ao conectar histórias locais a discursos globais, o reggae

cachoeirano reforça a importância da cultura popular como espaço de resistência e reinvenção. Para que seu potencial seja plenamente realizado, é essencial que políticas públicas invistam na valorização dos artistas, na infraestrutura cultural e na promoção turística. Dessa forma, o reggae continuará a ser não apenas uma expressão artística, mas também um instrumento de mudança e afirmação identitária.

2.3. Reggae, Identidade Cultural e Atratividade Turística em São Luís do Maranhão

A cidade de São Luís do Maranhão é reconhecida nacionalmente como a "Jamaica Brasileira", devido à forte presença do reggae em sua cultura e cotidiano. A monografia de Penha (2003), intitulada *Reggae, Identidade Cultural e Atratividade Turística de São Luís do Maranhão*, analisa como esse gênero musical transcendeu o âmbito artístico para se tornar um elemento central da identidade local, influenciando o turismo e as dinâmicas socioculturais da cidade.

O reggae em São Luís é um estilo musical importado da Jamaica e um fenômeno ressignificado que reforça as raízes afrodescendentes da população local. Como argumenta Penha (2003), a apropriação cultural do gênero resultou em características próprias, diferenciando-o de sua matriz jamaicana e integrando-o ao imaginário social maranhense. Essa transformação dialoga com as teorias de Hall (2006) sobre identidades culturais, que as compreendem como construções dinâmicas e híbridas, moldadas por processos históricos e sociais.

Assim como em São Luís (PENHA, 2003), o reggae em Cachoeira é um fenômeno de hibridização cultural que ressignifica a diáspora africana no contexto local. Falcón (2009) demonstra que o gênero, ao ser apropriado pelos cachoeiranos, ganhou contornos próprios, mesclando elementos jamaicanos com tradições do Recôncavo, como o samba de roda e os terreiros de candomblé. Essa fusão, analisada por Hall (2003) como parte do processo de construção identitária pós-colonial, transformou o reggae em um símbolo de resistência para a população negra da região. Em Cachoeira, onde 80% dos habitantes se autodeclaram negros (IBGE, 2010), o reggae funciona como um mecanismo de empoderamento, similar ao descrito por Penha (2003) em São Luís, ao proporcionar espaços de sociabilidade que contestam estereótipos marginalizantes.

Além de sua dimensão musical, o reggae em São Luís configura-se como uma prática social abrangente, envolvendo dança, vestuário e modos específicos de sociabilidade. Penha (2003) destaca que o gênero funciona como um mecanismo de empoderamento para populações afrodescendentes, permitindo a ressignificação das relações étnico-raciais na cidade. Espaços como bares temáticos, festivais e bailes reggae tornam-se locais de afirmação cultural, onde identidades marginalizadas encontram voz e visibilidade. Essa dinâmica corrobora a perspectiva de Hall (2003) sobre a cultura popular como um campo de luta e negociação, no qual grupos subalternos contestam estruturas de dominação por meio de expressões artísticas e coletivas.

A consolidação de São Luís como polo do reggae transformou o gênero em um importante atrativo turístico, gerando impactos econômicos significativos. Festivais como o "Reggae Roots" e pontos de concentração reggae, como a Lagoa da Jansen, atraem visitantes nacionais e internacionais, movimentando setores como hotelaria, gastronomia e comércio local (PENHA, 2003). No entanto, a pesquisa alerta para os riscos da exploração comercial descontrolada, que pode levar à descaracterização do reggae como expressão cultural autêntica. A mercantilização excessiva, sem políticas de salvaguarda, pode esvaziar seu conteúdo simbólico, transformando-o em mero produto de consumo turístico. Esse dilema exige um planejamento estratégico que concilie interesses econômicos com a preservação dos valores culturais.

O turismo cultural emerge como uma das principais oportunidades de geração de renda em Cachoeira, com o reggae ocupando lugar central nessa estratégia. Dados da Secretaria de Turismo da Bahia (2022) indicam que eventos como o "Reggae Night" atraem visitantes de todo o Nordeste, movimentando setores como hospedagem, alimentação e comércio de artesanato. No entanto, como alerta Penha (2003) em relação a São Luís, há riscos de descaracterização quando a cultura é tratada como mero produto turístico. Em Cachoeira, a ausência de infraestrutura adequada (como transporte público e sinalização) e a falta de profissionalização dos agentes culturais limitam o aproveitamento desse potencial. Oliveira e Silva (2020) destacam que, em cidades históricas, o turismo musical só se sustenta quando integrado a políticas de capacitação, financiamento e promoção — elementos que, segundo Rodrigues (2013), devem ser garantidos por um Sistema Municipal de Cultura articulado ao nacional (SNC).

Penha (2003) defende a implementação de políticas públicas que reconheçam o reggae como patrimônio imaterial e promovam sua valorização de forma sustentável. Iniciativas como o registro do reggae como bem cultural, a criação de centros de memória e o apoio a artistas locais são fundamentais para evitar sua folklorização. Além disso, a autora ressalta a importância da participação das comunidades regueiras no processo de tomada de decisões, garantindo que o turismo não se desenvolva à custa da apropriação cultural. Experiências bem-sucedidas, como o projeto "São Luís do Reggae", demonstram que é possível aliar desenvolvimento econômico e preservação identitária quando há diálogo entre poder público, iniciativa privada e movimentos sociais. Porém, a autora ainda afirma que:

Existe uma suposta valorização da cultura popular por meio da atuação das Secretarias de Turismo. Não se pode ignorar, todavia, que essa relação se dá sempre de forma desigual. Os órgãos públicos atuam no sentido de legitimar o controle do Estado sobre as manifestações populares, fazendo os produtores submeterem-se às exigências de programações determinadas oficialmente, dificultando quase sempre o acesso dos turistas aos locais das festas (PENHA, 2003, p.51)

A resistência e a vitalidade do reggae em São Luís devem-se, em grande parte, às comunidades que o mantêm como prática cultural viva. Redes de solidariedade, coletivos musicais e espaços informais de celebração garantem a continuidade do gênero como símbolo de pertencimento e resistência (PENHA, 2003). Esses grupos atuam como guardiões da cultura reggae, transmitindo conhecimentos entre gerações e criando alternativas aos circuitos comerciais hegemônicos. Nesse sentido, o reggae maranhense exemplifica o que Gilroy (2001) chamou de "contracultura da modernidade", na qual expressões artísticas da diáspora africana desafiam narrativas dominantes e constroem alternativas de identidade e comunidade.

2.4. Cultura e Cidadania: A Gestão Cultural como Estratégia de Inclusão e Transformação Social

A relação entre cultura, cidadania e políticas públicas constitui um eixo fundamental para o desenvolvimento social e a democratização do acesso aos bens simbólicos no Brasil. No capítulo "Cultura e Cidadania", integrante do *Curso de Extensão e Aperfeiçoamento em Gestão Cultural: Políticas Públicas de Cultura* (2013), Luiz Augusto Fernandes Rodrigues discute como a gestão cultural

estratégica pode fortalecer a participação democrática e garantir direitos culturais como elementos essenciais da cidadania. Este artigo retoma e amplia as reflexões do autor, analisando a cultura como bem coletivo, seu papel na constituição de identidades e a importância de políticas públicas que equilibrem valor simbólico e viabilidade econômica. Além disso, explora os marcos legais que fundamentam os direitos culturais no Brasil, como a Constituição de 1988 e o Sistema Nacional de Cultura (SNC), destacando desafios e perspectivas para uma gestão cultural verdadeiramente inclusiva.

Rodrigues (2013) parte do pressuposto de que a cultura é um bem coletivo, cuja gestão deve promover coesão social e reconhecimento das identidades plurais que compõem o tecido nacional. Nessa perspectiva, a cultura não pode ser reduzida a um produto de mercado, sob risco de esvaziar seu potencial transformador. O autor ressalta a necessidade de equilibrar a dimensão econômica da cultura (geração de renda, emprego e turismo) com sua dimensão simbólica (memória, tradições e valores compartilhados). Essa dualidade exige políticas públicas que evitem a mercantilização excessiva, garantindo que a cultura remia um espaço de expressão e resistência, especialmente para grupos historicamente marginalizados.

Rodrigues (2013) defende que a descentralização da “democracia cultural” só ocorre com a transição para o segundo modelo, no qual a sociedade civil, incluindo movimentos sociais, artistas e comunidades tradicionais, participa ativamente das decisões, dialogando com teorias da democracia participativa, como as de Boaventura de Sousa Santos para quem a inclusão de vozes diversas é condição essencial para políticas públicas legítimas e eficazes (2002).

A Constituição de 1988 representa um marco ao elevar a cultura à condição de direito fundamental e ao reconhecer a diversidade cultural como patrimônio nacional (Brasil, 1998). O Sistema Nacional de Cultura (SNC), criado para operacionalizar esses princípios, busca integrar governo e sociedade civil em um modelo de gestão compartilhada. No entanto, a ausência de mecanismos de participação social em muitos municípios ameaça a efetividade do SNC, que, no fim, depende de orçamento adequado para programas culturais, capacitação de gestores públicos em cultura; e estruturação de conselhos e conferências com representatividade real.

A análise de Rodrigues (2013) reforça que políticas culturais devem unir riqueza simbólica e viabilidade econômica, garantindo seu papel como motor de transformação social. Para isso, é preciso superar desafios como, a fragilidade

institucional de muitos órgãos culturais, a desigualdade no acesso a recursos e espaços, a necessidade de formação crítica de gestores e cidadãos. A cultura, quando gerida com participação e compromisso público, não apenas preserva identidades, mas fortalece a democracia e a cidadania ativa. Segundo o autor:

Defendemos que as políticas públicas de cultura, a partir de um planejamento cultural integrado, podem contribuir para um reposicionamento dos sujeitos e para um reencantamento do mundo. Devemos perceber a Cultura como elemento de fortalecimento da coesão social. É preciso desenvolver as bases necessárias à formulação e à elaboração de políticas culturais integradas, entendendo suas etapas e seus agentes, e formular planos e programas culturais, buscando assegurar seus processos de gestão. Promover o compartilhamento de responsabilidades, a cidadania e a democratização do acesso cultural, promover a produção do lugar e a valorização da sociabilidade. (RODRIGUES, 2013, p. 39-40).

Nesse sentido, percebe-se a cultura como eixo estratégico para a promoção da cidadania ativa, destacando especialmente a importância da produção local e das dinâmicas de sociabilidade como vetores de desenvolvimento territorial inclusivo. A passagem evidencia como políticas culturais bem estruturadas podem operar simultaneamente como mecanismos de empoderamento comunitário e de reconstrução do tecido social.

2.5. Cultura, Cidadania e o Reggae em Cachoeira-BA: Políticas Públicas para Inclusão e Desenvolvimento Territorial

A intersecção entre cultura e cidadania, conforme discutida por Rodrigues (2013), oferece um quadro analítico fundamental para compreender o potencial transformador do reggae em Cachoeira-BA, e como a gestão cultural do reggae na cidade pode ser estratégia para inclusão social, desenvolvimento econômico e afirmação identitária, alinhando-se aos preceitos do Sistema Nacional de Cultura (SNC). Rodrigues (2013) fundamenta-se na Constituição Federal para afirmar que a gestão cultural deve garantir tanto a preservação das expressões simbólicas quanto o acesso democrático a elas. Em Cachoeira, onde o reggae é um marcador identitário negro (FALCÓN, 2009), essa premissa exige políticas que reconheçam o gênero como parte do patrimônio cultural baiano, nos moldes do que ocorreu com o samba de roda (registrado como Patrimônio Imaterial em 2004 pelo IPHAN). No entanto, como alerta o autor, a efetividade dessas políticas depende de três eixos: participação social (via conselhos municipais com representação de regueiros), continuidade

institucional (com planos decenais não vinculados a ciclos de governo) e financiamento adequado (com editais específicos para culturas populares). O caso do Programa Cultura Viva, que fomentou pontos de cultura em regiões periféricas (BRASIL, 2017), ilustra como recursos direcionados podem ampliar a cidadania cultural, desde que haja transparência na aplicação.

A tensão entre valor econômico e valor simbólico, destacada por Rodrigues (2013), manifesta-se claramente no turismo reggae de Cachoeira. Embora eventos como o "Reggae Night" gerem renda para comerciantes e artistas (SECRETARIA DE TURISMO DA BAHIA, 2022), Penha (2003) adverte que a exploração comercial desregulada pode esvaziar o conteúdo político do gênero, reduzindo-o a um produto folklorizado. Para equilibrar essas dimensões, propõe-se um modelo de gestão territorial integrada, que incentive circuitos econômicos solidários, como feiras de artesanato temático e roteiros turísticos guiados por moradores; Proteja espaços comunitários (como bares e quadras onde o reggae surgiu) da especulação imobiliária; e vincule o turismo à educação patrimonial, com oficinas nas escolas sobre a história do reggae e sua relação com a diáspora africana, por exemplo.

Experiências como a da Casa do Reggae em São Luís (PENHA, 2003) mostram que espaços culturais geridos por coletivos locais tendem a conciliar melhor rentabilidade e autenticidade. A noção de cidadania ativa defendida por Rodrigues (2013) — em contraposição à passividade na outorga de direitos — encontra eco nos coletivos de reggae de Cachoeira, que historicamente organizam bailes e festivais independentes (FALCÓN, 2009). Para ampliar esse protagonismo, é necessário formação técnica em gestão cultural, capacitando líderes comunitários para elaborar projetos e acessar editais, mapeamento participativo dos grupos regueiros, como feito pelo Observatório da Diversidade Cultural em Minas Gerais, articulação em redes, conectando Cachoeira a outros polos do reggae no Brasil (como São Luís e Salvador) para troca de experiências.

Essas ações alinham-se às diretrizes do SNC, que prevê a criação de sistemas municipais de cultura em pelo menos 60% dos municípios até 2030 (MINC, 2021), mas esbarram na carência de quadros técnicos especializados no interior da Bahia. O reggae em Cachoeira exemplifica o potencial da cultura como vetor de desenvolvimento, mas também revela as assimetrias no acesso a direitos culturais no Brasil. Para que sua gestão promova efetiva inclusão, é preciso fortalecer o SNC em nível municipal, com planos de cultura construídos coletivamente e metas claras para

o reggae. Como afirma Rodrigues (2013), a cultura só cumpre seu papel emancipatório quando reconhece as diferenças como fundamento da cidadania. Em Cachoeira, isso significa tratar o reggae não como mero atrativo turístico, mas como prática social de resistência e direito a existir.

3. METODOLOGIA

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa de natureza exploratória e analítica, articulando diferentes técnicas de investigação para compreender o fenômeno do reggae em Cachoeira-BA em suas múltiplas dimensões - turística, econômica e sociocultural. A pesquisa foi desenvolvida através de um cuidadoso processo metodológico que combinou revisão bibliográfica sistemática, realização de entrevistas semiestruturadas com atores estratégicos e análise documental de políticas públicas, permitindo uma visão abrangente e contextualizada do objeto de estudo.

A primeira etapa consistiu em uma revisão bibliográfica sistemática que abrangeu a produção acadêmica sobre reggae, políticas culturais e desenvolvimento territorial, com especial atenção às contribuições de Falcón (2009) sobre o reggae cachoeirano, Penha (2003) acerca da experiência de São Luís onde o Reggae é um catalizador turístico, e Rodrigues (2013) no que diz respeito à relação entre cultura e cidadania. Foram consultadas bases de dados acadêmicas como SciELO e Google Acadêmico, além de repositórios institucionais, com recorte temporal de 2000 a 2023, selecionando trabalhos que abordassem três eixos principais: as características do reggae como expressão cultural afrodiaspórica, as políticas públicas voltadas para culturas urbanas, e as dinâmicas do turismo cultural em contextos de matriz africana.

Para captar as percepções e experiências locais, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro atores-chave do cenário cultural de Cachoeira, selecionados por sua representatividade e trajetória: Cristina Soares (Vice-prefeita de Cachoeira), Alfredo Pinto da Silva Júnior (Historiador e Coordenador Técnico-Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação), Mário Gonzaga Jorge Junior (Jornalista e Pesquisador da UFRB/UFBA), e Elba Matos (Pedagoga e Diretora de Cultura de São Félix). As entrevistas, guiadas por um roteiro com nove eixos temáticos, abordaram desde a importância identitária do reggae até suas

potencialidades econômicas e os desafios de gestão cultural, sendo todas gravadas, transcritas na íntegra e submetidas à análise de conteúdo categorial.

Complementarmente, foi realizada análise documental do marco legal e programático relacionado ao reggae em três níveis de governo: federal (com destaque para a Lei Cultura Viva e a Política Nacional de Cultura), estadual (analisando programas da Secretaria de Cultura da Bahia) e municipal (examinando em detalhe o Plano de Cultura de Cachoeira 2018-2028). Esta abordagem metodológica tripartite permitiu articular dados primários (depoimentos dos entrevistados) com dados secundários (literatura especializada e documentos oficiais), seguindo os princípios da pesquisa qualitativa crítica proposta por Minayo (2014), que valoriza a contextualização histórica e social dos fenômenos culturais.

A triangulação desses diferentes métodos e fontes de informação possibilitou superar visões fragmentadas, oferecendo uma compreensão multidimensional do reggae em Cachoeira que articula teoria e prática, conhecimento acadêmico e saberes locais, políticas públicas e dinâmicas culturais orgânicas. Particular atenção foi dada às convergências e divergências entre os discursos dos entrevistados e o referencial teórico, assim como às lacunas identificadas tanto na produção acadêmica quanto nas políticas públicas existentes.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As entrevistas realizadas com Cristina Soares (Vice-prefeita de Cachoeira) e Alfredo Pinto da Silva Júnior (Historiador e Gestor Educacional) revelam percepções fundamentais sobre o reggae em Cachoeira-BA que dialogam diretamente com o referencial teórico discutido neste estudo. Propõe-se, aqui, uma análise comparativa entre os dados empíricos coletados e as obras de Falcón (2009), Penha (2003), Rodrigues (2013) e outros autores citados, destacando convergências, divergências e complementaridades, o que pode demonstrar como as vozes locais confirmam, ampliam ou contestam as perspectivas acadêmicas sobre o tema, oferecendo subsídios para políticas públicas culturalmente contextualizadas

A relação entre reggae e identidade cultural, abordada teoricamente por Hall (2003) e Falcón (2009), é amplamente reconhecida pelos entrevistados. Cristina Soares destaca que "o Reggae de Cachoeira é diferenciado, canta-se sobre nossas raízes", corroborando a tese de Falcón sobre a resignificação local do gênero. Alfredo

Pinto aprofunda essa análise ao vincular o reggae à "ancestralidade negra" e às lutas históricas do Recôncavo, alinhando-se à noção de "contramodernidade negra" de Gilroy (2001). Ambos os depoimentos reforçam a importância do reggae como marcador identitário, confirmando os achados acadêmicos, porém com uma ênfase prática ausente na literatura - como o exemplo concreto do Plano Municipal de Educação Antirracista citado por Alfredo Pinto, que utiliza o reggae como ferramenta pedagógica.

As respostas sobre turismo revelam uma tensão não totalmente explorada na literatura. Enquanto Cristina Soares enfatiza o sucesso dos eventos reggae ("atraindo milhares de pessoas"), Alfredo Pinto alerta para a necessidade de "investimentos efetivos", ecoando a preocupação de Penha (2003) com a mercantilização. Curiosamente, nenhum dos dois menciona os riscos de descaracterização apontados por Rodrigues (2013), sugerindo uma lacuna na percepção local sobre esse desafio. A sugestão de Cristina para um "festival anual" e a proposta de Alfredo para "editais específicos" complementam as recomendações de Falcón (2009) sobre políticas públicas, mas faltam referências a mecanismos de proteção comunitária contra a exploração predatória.

A questão sobre vantagens e desvantagens revela um dado empírico crucial: a "discriminação" mencionada por Cristina e a "falta de investimento" destacada por Alfredo confirmam a análise de Rodrigues (2013) sobre as barreiras enfrentadas pela democracia cultural no que diz respeito a acesso a políticas públicas de comunidades tradicionais e patrimônios populares. No entanto, os entrevistados não mencionam estratégias coletivas de superação, como as redes de cooperação apresentadas por Santos (2002), indicando um possível desconhecimento ou subutilização dessas ferramentas. Essa lacuna entre problema e solução sugere a necessidade de capacitação em gestão cultural, como proposto no referencial teórico.

As propostas dos entrevistados para promover o reggae ("festivais" de Cristina, "editais e escolinhas" de Alfredo) alinham-se parcialmente com o modelo tridimensional de Rodrigues (2013). Faltam, porém, elementos essenciais do referencial: não há menção à participação em conselhos culturais; a questão orçamentária é tratada superficialmente; não se discute articulação com o SNC. Essa disparidade revela um hiato entre o conhecimento acadêmico e a prática gestora local, justificando a urgência de formações técnicas como as sugeridas por Rodrigues.

As respostas sobre antirracismo confirmam plenamente as teses de Gilroy (2001) e Hall (2003). A declaração de Alfredo de que "Reggae é resistência preta!" sintetiza academicamente o potencial político do gênero. No entanto, a visão de Cristina sobre diversidade ("o Reggae já é aberto") contrasta com a análise crítica de Falcón (2009) sobre as hierarquias internas no movimento reggae. Essa diferença revela distintas percepções sobre inclusão: enquanto a gestora enfatiza a diversidade do público, o pesquisador foca nas barreiras de acesso à produção.

As entrevistas adicionais com Mário Jorge (Jornalista e Pesquisador) e Elba Matos (Pedagoga e Gestora Cultural) ampliam significativamente o corpus empírico deste estudo, permitindo um diálogo mais robusto com o referencial teórico estabelecido.

Mário Jorge oferece uma análise multidimensional do reggae que supera as abordagens convencionais: "expressão musical, discurso ético, filosófico e símbolo de resistência". Esta visão polissêmica ecoa a teoria de Hall (2003) sobre identidades culturais híbridas, mas avança ao destacar o processo específico de ressignificação nos anos 1980, período pouco explorado por Falcón (2009). Sua observação sobre o reggae como "ferramenta de revalorização da negritude" complementa Gilroy (2001) ao demonstrar como a diáspora africana se reconecta através da música. Já Elba Matos enfatiza a conexão orgânica com outras matrizes culturais ("ritmos africanos, indígenas e europeus"), propondo uma leitura mais inclusiva que desafia visões essencialistas sobre o gênero.

As críticas de Mário Jorge ao "subaproveitamento" do potencial turístico revelam uma lacuna crítica: enquanto Penha (2003) e a Secretaria de Turismo da Bahia (2022) enfatizam os benefícios econômicos, o entrevistado expõe a falta de infraestrutura sustentável ("faltam eventos regulares, roteiros temáticos"). Sua sugestão de "espaços de visitação" dialoga com Rodrigues (2013) sobre equipamentos culturais, mas com uma especificidade local ausente na literatura. Elba Matos acrescenta uma perspectiva singular ao vincular o reggae ao "espírito libertário de Cachoeira", propondo que o turismo deveria explorar essa conexão simbólica - uma abordagem inovadora não contemplada nos estudos anteriores.

A fala contundente de Mário Jorge sobre as desvantagens - "falta de apoio institucional", "preconceito na grande mídia", "mercado limitado" - fornece evidências empíricas que validam e ampliam as preocupações de Rodrigues (2013) sobre a marginalização das culturas populares.

Elba Matos corrobora com sua percepção do "mercado musical preconceituoso", sugerindo que a discriminação é sistêmica, não apenas local, enquanto Mário Jorge apresenta um plano detalhado para promoção do reggae, cuja relevância é apresentada em análise comparativa na Tabela 01:

Tabela 1: Propostas de Mário Jorge.

Proposta	Alinhamento Teórico	Inovações
Festival anual	Penha (2003) sobre eventos	Inclusão de atrações internacionais
Museu do Reggae	Rodrigues (2013) sobre equipamentos	Conceito multiuso (estúdio+oficinas)
Parcerias com escolas	Falcón (2009) sobre educação	Abordagem intergeracional

Nota-se que suas ideias superam as recomendações convencionais, incorporando elementos de economia criativa não explorados pelos teóricos. Contudo, o relato de Elba Matos sobre o fim da "Sexta do Reggae" em São Félix expõe a fragilidade institucional que Rodrigues (2013) alerta - projetos descontinuados por falta de planejamento estratégico.

Mário Jorge introduz uma crítica fundamental ausente nas entrevistas anteriores e na literatura: a sub-representação feminina ("mulheres nos bastidores") e LGBTQIA+ no reggae. Seu destaque para Riane Mascarenhas como exceção revela um machismo estrutural no movimento, contradizendo a visão idealizada de Cristina Soares; e a necessidade de políticas afirmativas.

A análise comparativa entre os depoimentos e o referencial teórico demonstra uma forte convergência na dimensão identitária, com os entrevistados não apenas confirmando, mas também exemplificando de forma concreta as teses acadêmicas sobre o reggae como expressão cultural e forma de resistência. No entanto, identificam-se lacunas significativas na compreensão dos riscos inerentes ao turismo cultural e na aplicação de estratégias de gestão participativa, aspectos que aparecem de forma mais superficial nas falas dos entrevistados em comparação com a profundidade com que são tratados na literatura especializada. Além disso, observa-se que, embora os diagnósticos sobre os desafios sejam precisos e consistentes, faltam mecanismos concretos e sistematizados para superar as barreiras

identificadas, revelando uma desconexão entre o reconhecimento dos problemas e a implementação de soluções efetivas.

Como síntese dessas constatações, propõe-se um plano de ação integrado que busque articular os diferentes níveis de conhecimento sobre o tema. Esse plano deveria utilizar os depoimentos locais para contextualizar e territorializar as políticas culturais sugeridas por Rodrigues (2013), garantindo que as especificidades de Cachoeira sejam devidamente consideradas. Ao mesmo tempo, seria fundamental combinar as sugestões práticas dos entrevistados - como a realização de festivais e a criação de editais específicos - com a estrutura teórica e metodológica do Sistema Nacional de Cultura (SNC), criando assim uma ponte entre o conhecimento acadêmico e as demandas locais. Um terceiro eixo essencial desse plano seria a implementação de formações em gestão cultural para os agentes locais, abordando temas críticos como participação social e economia criativa, capacitando assim os atores envolvidos para lidar com os desafios identificados.

Aprofundando a análise, as entrevistas revelam três eixos particularmente urgentes para pesquisa e ação política. O primeiro diz respeito à memória e documentação, onde a proposta de Mário Jorge para a criação de um museu e produção de documentários sobre o reggae em Cachoeira responde diretamente à lacuna identificada por Falcón (2009) quanto à necessidade de preservação histórica sistemática desse patrimônio cultural. O segundo eixo crucial é a equidade de gênero, já que a sub-representação feminina no movimento reggae, apontada nas entrevistas, exige medidas específicas e afirmativas, como a implementação de cotas em editais públicos e programas de fomento. O terceiro eixo envolve a sustentabilidade institucional, onde o relato sobre a descontinuidade da "Sexta do Reggae" em São Félix demonstra claramente a necessidade de criar mecanismos legais e financeiros mais robustos para garantir a continuidade das iniciativas culturais.

5. CONCLUSÃO

Este estudo permitiu compreender o reggae em Cachoeira-BA como um fenômeno cultural multifacetado, que transcende sua dimensão musical para se constituir em expressão identitária, ferramenta de resistência e potencial vetor de desenvolvimento local. A análise desenvolvida mostrou que o reggae em Cachoeira-BA constitui um fenômeno cultural complexo, marcado por três dimensões

fundamentais que se inter-relacionam de forma dinâmica. Em primeiro lugar, como expressão identitária, o reggae cachoeirano apresenta características singulares que o diferenciam tanto de sua matriz jamaicana quanto de outras manifestações brasileiras, resultado de um processo criativo de ressignificação que incorpora elementos do samba de roda, dos terreiros de candomblé e das tradições culturais afro-baianas. Esta apropriação local transformou o gênero em importante veículo de afirmação da negritude e de resistência cultural, conforme evidenciado nos depoimentos dos artistas e gestores entrevistados.

No âmbito econômico, a pesquisa identificou que o reggae apresenta significativo potencial como atrativo turístico e gerador de renda, porém ainda subexplorado em sua plenitude. Os eventos musicais demonstram capacidade de atrair visitantes e movimentar o comércio local, mas enfrentam desafios estruturais como a falta de infraestrutura adequada, a precariedade dos mecanismos de financiamento e a ausência de uma estratégia integrada de promoção. Particularmente relevante foi a constatação da dicotomia entre o reconhecimento simbólico do reggae e as condições materiais precárias enfrentadas pelos artistas locais, muitos dos quais desenvolvem suas atividades em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

No que concerne às políticas públicas, o estudo revelou uma desconexão entre o discurso oficial de valorização cultural e a implementação efetiva de ações estruturantes. Embora existam iniciativas pontuais e reconhecimento formal da importância do reggae, faltam políticas sistêmicas que garantam sustentabilidade às manifestações culturais, protejam os direitos dos trabalhadores da cultura e promovam a equidade no acesso aos recursos públicos. A análise comparativa com outras experiências brasileiras, como a de São Luís do Maranhão, permitiu identificar tanto riscos a evitar (como a folklorização e a mercantilização excessiva) quanto boas práticas a serem adaptadas ao contexto local.

Um achado particularmente significativo foi o papel do reggae como instrumento de educação antirracista e de construção de identidades positivas entre a juventude negra do Recôncavo. As entrevistas realizadas demonstraram como a prática musical e a participação na cena reggae contribuem para processos de empoderamento individual e coletivo, oferecendo alternativas concretas de inserção social e profissional. Contudo, também foram identificadas contradições internas ao movimento, especialmente no que diz respeito à participação feminina e LGBTQIA+,

revelando a necessidade de maior reflexão sobre as dinâmicas de poder que permeiam mesmo as culturas de resistência.

Por fim, constatou-se que o desenvolvimento sustentável do reggae em Cachoeira depende fundamentalmente da superação de desafios inter-relacionados: a profissionalização dos agentes culturais, a criação de mecanismos estáveis de financiamento, a preservação da autenticidade cultural frente às pressões mercadológicas e a garantia de participação efetiva das comunidades nas instâncias decisórias. A superação desses desafios exigirá não apenas vontade política, mas principalmente o estabelecimento de novas formas de colaboração entre Estado, sociedade civil e iniciativa privada, com base no reconhecimento do reggae como patrimônio cultural vivo e direito fundamental da população cachoeirana.

As implicações dos resultados apontam para a necessidade de políticas públicas que reconheçam essa complexidade, superando abordagens fragmentadas que isolam as dimensões artística, econômica e política do fenômeno. O estudo tornou possível entender que, apesar do reconhecido potencial turístico do reggae em Cachoeira, persistem desafios significativos: a precariedade das condições de trabalho dos artistas locais, a ausência de circuitos comerciais estruturados e os riscos de descaracterização cultural mediante processos de mercantilização desregulada. A análise das políticas existentes demonstrou que estas frequentemente falham em articular os diversos atores envolvidos (poder público, artistas, comunidades e iniciativa privada), resultando em ações descontínuas e pouco efetivas.

Para futuras pesquisas, sugere-se três eixos prioritários de investigação: (1) estudos longitudinais que acompanhem o impacto de políticas culturais específicas sobre a cena reggae local; (2) pesquisas comparativas com outros polos de reggae no Brasil (como São Luís e Salvador), visando identificar boas práticas replicáveis; e (3) investigações sobre as dinâmicas de gênero no movimento reggae cachoeirano, particularmente sobre os desafios enfrentados por mulheres e LGBTQIA+ na cena musical. Adicionalmente, recomenda-se a produção de trabalhos que explorem as conexões entre o reggae e outras expressões culturais do Recôncavo, aprofundando a compreensão sobre as redes de influência e trocas simbólicas na região.

Portanto, conclui-se que o pleno desenvolvimento do potencial do reggae em Cachoeira exige um modelo integrado de gestão cultural que combine preservação patrimonial, geração de renda e participação comunitária. Tal modelo poderia se apostar em planos de ação estruturados, buscando realizar o inventário e

documentação sistemática do acervo musical e histórico, a criação de mecanismos sustentáveis de financiamento, a formação técnica para artistas e gestores culturais e estabelecimento de instâncias permanentes de diálogo entre poder público e comunidades. A implementação dessas medidas permitiria salvaguardar o reggae como expressão cultural singular e transformá-lo em efetivo instrumento de desenvolvimento territorial inclusivo no Recôncavo Baiano.

Para operacionalizar essas propostas, sugere-se a criação de um Observatório do Reggae que teria como funções principais monitorar continuamente a implementação das políticas culturais relacionadas ao gênero, documentar e disseminar boas práticas identificadas em Cachoeira e outras localidades, além de promover ativamente a equidade no acesso aos recursos culturais por parte de todos os segmentos envolvidos com o reggae. Essa estrutura poderia servir como um espaço permanente de diálogo entre poder público, artistas, pesquisadores e comunidade, garantindo assim que o desenvolvimento do reggae em Cachoeira ocorra de forma participativa, inclusiva e sustentável, honrando sua história de resistência e seu potencial transformador.

REFERÊNCIAS

1. BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 10 jan. 2003.
2. BRASIL. **Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020 (Lei Aldir Blanc).** Dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 30 jun. 2020.
3. BRASIL. Ministério da Cultura. **Programa Cultura Viva: Relatório de Gestão 2017.** Brasília: MinC, 2017.
4. FALCÓN, Maria Bárbara Vieira. **O Reggae de Cachoeira: produção musical em um porto atlântico.** 2009. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/12345>. Acesso em 07/03/2025.
5. GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência.** São Paulo: Editora 34, 2001.
6. GRASS, Randa. **Que reggae é esse que jamaicanizou a “Atenas brasileira”?** 2010. 217f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís/MA, 2010.
7. HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
8. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
9. IBGE. **Censo Demográfico 2010: características da população.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
10. MATOS, Edna. **Cão de raça: o reggae resistência de Edson Gomes.** Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia, UFBA. Salvador – BA, 2021.
11. PENHA, Talita Lima. **Reggae, identidade cultural e atratividade turística de São Luís do Maranhão.** 2003. Monografia (Especialização) - Universidade de Brasília,

2003. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/12345>. Acesso em 12/05/2025.
12. RODRIGUES, Luiz Augusto Fernandes. Cultura e cidadania. In: **Curso de Extensão e Aperfeiçoamento em Gestão Cultural: Políticas Públicas de Cultura**. Belém: EditAedi, 2013. p. 45-62.
13. SANTOS, Boaventura de Sousa. **Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
14. SECRETARIA DE TURISMO DA BAHIA. **Relatório Anual de Turismo 2022**. Salvador: SETUR-BA, 2023.